

# DESDE O MEDO JÁ É TARDE

Casé Lontra Marques

Desde o medo já é tarde;  
ainda  
assim o instante — desatento —  
se estende  
(sem o devido cuidado  
de acabar  
antes da margem):  
vivo  
nas veias do evento,  
vivo  
varrendo as veias  
com veneno.

O medo segura suas fissuras,  
enquanto alguns  
tumultos se organizam  
para testemunhar:  
a última hora  
é hora nenhuma —  
todo  
inacabamento tem  
algo  
de solar.

Restituir o cotidiano  
à resistência, sem consolidar  
nenhum rancor;  
restituir o cotidiano  
à resistência, congestionando  
vias (convulsionando  
vidas) várias  
vezes virulentas:  
a fome  
— não só aqui —  
é farta  
(e apenas  
aumenta).

Mastigando os dentes  
amolecidos pela solidão,  
figuras famintas  
combatem o cárcere  
da singularidade:  
um país  
é nunca haver  
paz  
— rente aos rugidos  
da arrebentação:  
qual mundo  
não  
seria turvo?

**Casé Lontra Marques**

nasceu em 1985, em Volta Redonda, RJ. Mora em Vitória, ES. Publicou *O som das coisas se deslocando*, *Enquanto perder for habitar com exatidão* e *Mares inacabados*, entre outros.